

PUBLICAÇÃO QUINZENAL
DE TURISMO, PROPAGAN-
DA, VIAGENS, NAVEGA-
ÇÃO, ARTE E LITERATURA

PROPRIEDADE DA EMPRESA DA
REVISTA DE TURISMO

LISBOA, 5 DE OUTUBRO DE 1917

ANO II—N.º 31

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

PAGAMENTO ADEANTADO

ANO..... 1.500 ESTRANGEIRO
SEMESTRE... 750 ANO..... 2.450

NUMERO AVULSO 5 CENTAVOS

DIRECTOR: AGOSTINHO LOURENÇO

REDACTOR PRINCIPAL: GUERRA MAIO

EDITOR: ANNIBAL REBELLO

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: *LARGO BORDALO PINHEIRO, 28 (Antigo L. d'Abegouaria) — TEL. 2337-C. — LISBOA*

DIVAGANDO

HA entre nós, infelizmente, uma grande tendencia para a má lingua. Diz-se mal, de tudo e por tudo. Nada presta, e as pessoas que se dedicam a essa especie de vida, gastam mais energia em mal dizer, que os outros em bem fazer.

A industria de Turismo, é talvez a que mais tem sido acoimada de infructifera no nosso Paiz. Toda a gente se ocupa d'ela, mas, para lhe notar defeitos. Aqui é o hotel que não presta, ali é a estrada que é má, além é o comboio que não satisfaz.

E' um martyrio, dizem eles, viajar em Portugal, pois que até ele traz assumpto, n'uma viagem de 8 dias, para um ano dizer mal, e pôr em relevo a nossa incapacidade de donos da casa.

E quando alguém aparece a ajudar e a fazer crescer a frondosa arvore do Turismo, é logo apudado de caturra, nome com que lisongeiramente chamam a quem trabalha por uma causa.

A nós, não tem sí-lo poucos os que nos tem apudado, de tão injustificado qualificativo. Deixa-lo.

No nosso paiz nada se faz sem caturrice, e a caturrice bem entendida é sinonimo de persistencia. E com essa persistencia esperamos fazer alguma coisa.

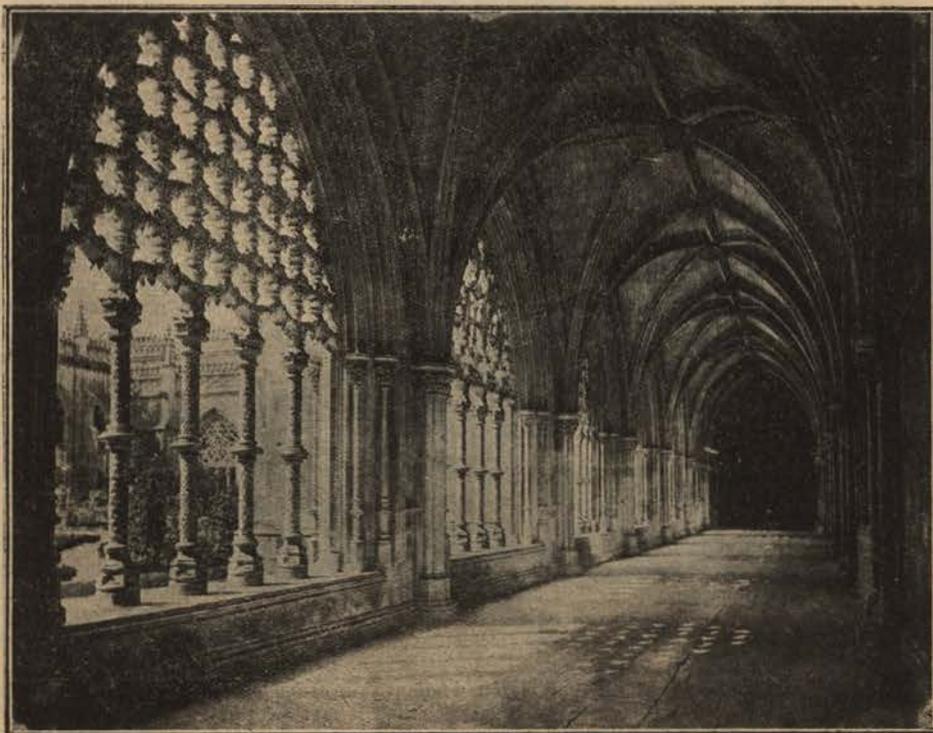
Felizmente temos na nossa terra devotados caturras, que alguma coisa já tem feito. E nos é até grato dizer, que em Portugal, a despeito dos mal dizes, já vão aparecendo os primeiros fructos de tão persistente trabalho. Todos os dias vemos erguer novos hotéis, novos melhoramentos nos existentes, e a palavra Turismo já não é desconhecida de toda a gente.

Em Portugal viaja-se muito, e o

afluxo que os portuguezes dão aos nossos caminhos de ferro, e a frequencia que fazem aos hotéis, são de molde a preparar um caminho menos espinhoso para os turistas estrangeiros.

Os conselhos que a *Propaganda de Portugal* e a *Repartição de Turismo* tem derramado pelos hoteleiros, alguns os tem aproveitado. Bem hajam os mestres e os alumnos.

Os caminhos de ferro, na impossibilidade de reformar o seu material rolante, vão melhorando o existente, até que surja o dia em que se possa abastecer de materias que lhe permi-



MONUMENTOS NACIONAES

CLAUSTROS DA BATALHA

tam substituir o que ainda circula de modelo antigo, sem comodidades e sem conforto.

Por toda a parte vai pois alastrando a ideia de que é preciso deixar as velhas rotinas, todos tem o seu lugar; e a sua acção na reforma dos nossos rotineiros costumes. Mas o que mais nos enche de satisfação, são os nucleos que se vão formando por todo o Paiz, para tratar do desenvolvimento de uma região, de umas thermas, de uma provincia. Vê-se pois que, por toda a parte ha a mesma reacção de trabalho, e energia.

E ainda o que é mais curioso, é que muitas d'essas colectividades, muitos grupos de propaganda que se vão formando pelo Paiz, procuram alhear-se do governo, certos que o auxilio dos poderes centraes, não vai além de palavriado e promessas em vespéras de eleições.

Como aqui dissemos, mais d'uma vez, acaba de fundar-se em Gouveia, um forte nucleo de entidades de destaque d'aquella concelho e dos limitrophes, com o fim simpatico de fazer uma larga propaganda das bezas da serra e proporcionar aos viajantes alpinos o conforto de que carecem.

Tem já o seu jornal «Echos da Beira» e dentro em pouco vão fazer uma propaganda activa da Serra da Estrela.

Da nossa parte, fazemos o que ao nosso alcance permitir, para ajudar a campanha, não só, d'estes defensores da sua terra, como todos os outros de iguaes iniciativas, embora nos continuem a acoirar de caturricas.

Mas qué felicidade para a nossa terra, se todos nós tivéssemos d'estas caturricas.

BIBLIOGRAPHIA

«Mulheres da Cruz Vermelha»

POR FIRMINO VILHENA

É um entre-acto cheio de viveza e patriotismo.

O seu auctor soube reunir nas poucas paginas d'esse interessante livrinho, tanto sentimento que nos arrebate e nos comove.

Depois Firmino de Vilhena, é um poeta delicado, pois, os alexandrinos de que é composto a sua nova produção bem o demonstram.

Não damos com isto uma novidade aos nossos leitores, pois quem conhece, O Campeão das Provincias, de Aveiro, á frente de cuja redacção permanece lha anos, sabe bem qual os méritos do auctor do novo livro.

A PROPAGANDA DO TURISMO

E A PROTEÇÃO QUE LHE É DISPENSADA

ESTAMOS em face de factos concretos; e, por isso, a eles nos vamos referir, não obstante a nossa relutancia quasi nos inibir de adoptarmos processos jornalísticos pouco consentaneos com a indole d'esta Revista.

Ha casos, porém, que nos irritam e encham de indignação, cujos efeitos não se podem facilmente atenuar, por mais que tentemos dominar os nossos impetos.

Seja-nos, pois, permitido este desabafo, a que a nossa consciencia nos obriga, como natural consequencia do sentimento ofendido.

Logo que em Portugal se começou falando da industria de turismo, nasceu em nós a idea de fundarmos um jornal, que fosse — por assim dizer — um orgão especial, sem politica e simplesmente patriótico, destinado á defeza e expansão d'essa industria. Lançadas as bases para a organização d'essa empreza, demos começo aos trabalhos, atravez todas as dificuldades que se nos antepuzeram, até que em 5 de Julho de 1916 — ha um ano e trez mezes — a *Revista de Turismo* appareceu pela primeira vez, como resultado pratico da idea que tiveramos.

Ao favor do publico devemos os primeiros tempos da nossa infancia, até que, pelas condições emergentes da situação que atravessámos e que — infelizmente — ainda estamos atravessando, nos vimos compelidos a solicitar a proteção official, pois que, até então, ella não nos fôra oferecida espontaneamente, como seria para desejar.

Não queremos pensar quaes seriam os cuidados que o estrangeiro prodigalisaria a uma publicação congenera que no seu paiz visse a luz do dia, ou mesmo a que as nossas instancias officiaes nos proporcionariam — de motu proprio — se fôssemos editados por alguma empreza extranha á nossa Patria.

Limitamos a apreciação ao nosso caso, e é quanto basta.

A *Revista de Turismo* é uma publicação unica no genero em Portugal, e as suas tendencias manifestam-se paralelamente com a sua acção.

Quinzenario formado, talvez, por ideologos, ele tem vindo atravez os mais dificeis transes — como o actual — caminhando óvante, simplesmente animado pelo seu unico fito: ser util á sua Patria. Todos tem reconhecido, e a sua aprovação á nossa obra tem-se

provado e continua provando-se nos louvores e incitamentos que os particulares nos dirigem com pasmosa frequencia.

Sucedem, porém, que as instancias officiaes que mais directa e obrigatoriamente deviam prestar-nos o seu concurso, se negam, sob o manto de subtilidades pouco subtis, a exercer esse dever moral. Uma d'essas instancias é a que representa o nucleo mais directamente beneficiado no desenvolvimento do turismo em Portugal: a *Associação Commercial de Lisboa*. Pois bem, essa agremiação que, mais do que nenhuma outra, tinha por dever auxiliarnos na medida dos seus recursos materiaes, por constituirmos inquestionavelmente uma apreciavel fonte das receitas do organismo que personifica, respondeu ás nossas solicitações com a promessa da... troca do seu boletim commercial!!!

Isto é simplesmente... irrisorio.

A Associação Industrial, a quem ha mais de um mez nos dirigimos, está — certamente — á espera de resolver a crise dos transportes para, em seguida, nos responder.

As Camaras Municipaes, directamente beneficiadas com o progresso da industria do turismo, algumas ha que nem mesmo se dignaram assignar a nossa Revista.

Os hotéis, emprezas de transportes, garages e outros estabelecimentos que mais tarde, hão de, egoista e gulosamente, saborear os frutos da nossa arvore, olham-n'a, todavia, com a indifferença das coisas superfluas, e negar-nos-hão sem duvida, até, a quota-parte que legitimamente nos pertença no estabelecimento da industria do turismo na nossa terra quando ella fôr um facto axiomático.

Restar-nos-ha, então, a tranquillidade da nossa consciencia e a satisfação do dever cumprido — como patriotas que somos e de uteis á nossa Patria como desejamos ser — e isso havemos de conseguir com as nossas proprias forças e com a nossa inabalavel fé n'um mais risonho porvir, a não ser que um destino mofo no iniba de dar uma lição de patriotismo, de tenacidade e de perseverança a quem apenas, agora, só poderá ufanar-se de dizer que em Portugal ha uma *Revista de Turismo*, feita por portuguezes.

Mal empregada terra em semelhante gente...



PAISAGENS PORTUGUEZAS

SANTA CRUZ DA TRAPA

O sol cahia a pino, n'uma devastação canicular, sobre as Thermas de S. Pedro do Sul, apesar do mez de setembro estar nos seus ultimos dias.

Braz Frade, banhista como eu, oferece-me um logar no seu automovel, para uma viagem sem destino; vamos



correr umas dezenas de kilometros, sob as largas ramadas que ensoambram as estradas da Beira.

Minutos passados estavam em S. Pedro, com tres estradas, tentadoras, á nossa disposição: a de Vizeu, a de Castro Daire, e a de Santa Cruz da Trapa. Todas elas se divisavam, a fugir, pelas colinas, serpenteando entre os pinheiros e vinhas. Votou-se a de Santa Cruz. Era mais interessante; o seu arvoredo era mais farto.

O auto avança; a estrada lisa e branca como a via lactea, espreguiça-se pela encosta. Para baixo o rio Sul, manso, silencioso, entre os canaviaes, para cima a montanha com a sua cabeleira verde escuro de pinheiros moços. Aqui e além uma casa com a sua varanda larga, o alpendre, o curral, d'onde sae latindo uma linguagem de fidelidade um velho cão de guarda.

Pela estrada fóra, quando o sol é mais forte, pinheiros mansos, altos e abertos como guardasoes, derramam manchas de sombra sobre o caminho e embalsamam o ar com a resina nova.

Adiante alveja a beira da estrada, uma casa; ás janelas assomam creanças, trigueiras, cor da terra, de olhos vivos; o auto corre, vóa, como que a

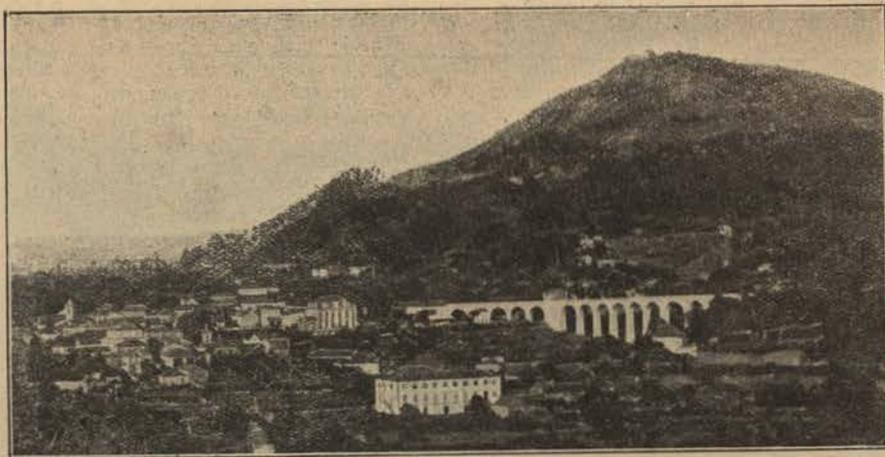
fugir do sol forte que devasta, que queima.

Momentos depois, no planalto, espreitam, entre as vinhas, as primeiras casas de Santa Cruz da Trapa, esgúias como chalets suissos, vermelhas como espigas de milho tostado.

O auto estaca. Alguem na estrada o mandava parar; braços amigos se abrem para nos ajudar a descer, os companheiros da viagem apeliem-se tambem entre a poeira-loira.

Um pequeno portão de ferro agrinaldado de madresilvas e roseiras altas, se abre, e uma santa velhinha ali está para nos receber. E' a mãe dos amigos Teixeira, nossa velha amiga, que nos espera com o seu sorriso de bondade e com o seu olhar cheio de meiguice.

Descançamos nos bancos do jardim sob uma atmospherá de deliciosa frescura: O vinho espuma no fundo dos copos, os brindes são para a boa velhinha por ter ali reunidos, sob um pequeno caramanchão de rosas, quatro filhos, dois dos quaes já os viu, anos



e anos, atravez das brumas do Atlantico; mas voltaram felizes, ergueram ali na terra que os viu nascer, altas viyendas, todas luxo e conforto.

A velhinha sorria, e entre os sorrisos uma lagrima desceu pela face já

rugosa; essa lagrima branda e terna foi direita a seu filho Marcelino, que ali estava lembrando os Brazis distantes, mas sem a luz nos olhos para nos ver, nem os cabelos da mãe a enbranquecer.

O sol associou-se á amizade dos Fernandes Teixeiras, abrاندando os seus raios faiscentes, de forma a podermos ver a aldeia que nos dava abrigo.

Santa Cruz da Trapa dilata-se n'uma larga extensão de parreiras, quasi não tem casas que lhe denunciem velhice, os chalets e os palacetes dominam tudo, irradiando de dentro dos pomares, encostando-se á sombra melancolica dos pinheiros mansos.

Os donos d'aquelas disseminadas moradias são quasi todos brasileiros (portuguezes que foram ao Brazil) e certamente com saudades do Botafogo ou da Tijuca, envolveram as vivendas no balsamo purificador das ramarias.

Parece porém, que estão zangados com os visinhos, ou não querem relações, pois o altos gradeamentos de ferro das vivendas e os cães rubicundos, demonstram que uma má fé mutua as envolvem.

Mas não, os portaes estão sempre abertos, e a camaradagem não se limita ás amizades familiares. Tem o seu club, a sua botica, onde cavaqueiam e onde perdura a amizade.

Mas no meio de tanta coisa moderna, negreja, pesada como um tumulo, a velha casa Malafaia, triste como uma derrocada, com o brazão envolto em crepes, e cujo Senhor, um esbelto fidalgo beirão, tombou ha dias, no seu escriptorio a tiros de pistola.

Não acordemos a dôr, que o sol refulge além no doce descer da tarde, e o auto já estremece no frenesi desesperado do motor. Partimos. A estrada agora no planalto parece que não tem

lim, as ramadas dos cerejaes estendem-se para a cobrir, uma brisa leve sacode-lhe a fragancia que vem até nós a envolver-dos n'um doce bem estar.

D'um lado a serra da Gralheira, negra e triste como um baluarte velho, do outro, alem na falda do Caramulo, olveja Vouzela, e Oliveira de Frades, que a sorrir nos mostram o casario branco alastrado na encosta.

O automóvel avança silencioso, os meus companheiros abstractos, na delicia da paisagem e na suavidade da vegetação que nos embalsama, seguem n'um silencio recolhido, como para escutar algum murmuro que os pinheiros mansos e solitarios atirem ás vadeiras, alegres e garridas.

Mais abaixo, no silencio do vale, pousa adormecido o velho convento de S. Christovam, branco e solenne, como n'uma recordação dos monges que o habitaram e que, primeiro que nós, gosaram a delicia d'estas paisagens tão lindas, tão suaves e tão arrebatadoras como só tem a nossa bendita terra.

Voltamos, e no caminho, novos braços e novas portas se abrem, para nos dar repouso, para nos obsequiar.

Todos querem oferecer a hospitalidade das suas casas e do seu coração.

Obrigado, amigos, obrigado.

E de volta, ao recordar todo o carinho que me recebeu, em Santa Cruz, em S. Pedro, que outro não em que o já repetido em Vouzela, em Oliveira, em todas as terras benditas de Lafões, eu senti-me mesquinho e infimo para agradecer tanta bondade e tanto affecto, e desejar — expansivos amigos — ter dois braços como dois pinheiros, para vos abraçar a todos. Quizera ter um coração que pudesse desfazer-se em lagrimas se um dia a dor fosse bater á vossa porta. Mas como nada d'isso tenho, encerravos na minha alma, que é tão grande e tão grata que cabeis lá todos.

GUERRA MAIO

Caldas da Saude

VÃO muito adeantadas as obras do grande hotel d'estas Caldas, que beam, como se sabe, junto á villa de Santo Thirso. Ao novo edificio, cuja construção é feita segundo a lei dos hotéis, nada falta no que diz respeito a hygiene e conforto.

Santo Thirso, com a sua espessa vegetação e com a rindencia das suas paisagens, váe formar um centro de turismo de primeira ordem.

ARTE E LITERATURA

A SÉ VELHA DE COIMBRA

Conclusão do n.º 30 (pag. 44)

ENTREMOS agora na vetusta Sé. Composta de tres naves longitudinaes, uma nave transversa (o transepto) e tres absides, todas primitivamente semicirculares, que abrem para a nave transversal e correspondem ás tres longi-

tudinaes, a planta da Sé Velha desenha uma cruz latina e é a planta de typo basilical, a mais frequente na architectura romanica peninsular. As naves são divididas por meio de pilares compostos (isto é, forma-

dos de prismas quadrangulares a que se adossam columnas), sobre os quaes descansam arcos de volta perfeita, alveados. Estes supportes, agora visiveis, na sua forma originaria, tinham sido envolvidos em argamassa e revestidos de azulejos hispano-moiscos no começo do seculo XVI, ficando assim transformados em prismas octogonaes. A nave media, mais larga e mais alta do que as lateraes, tem um só piso. A's outras correspondem dois pavimentos, dos quaes o superior constitue uma galeria, com arcadas sobre columnellos. É o triforio. Da para a grande nave central e para o transepto.

O retabulo do altar-mór, comquanto destoe da feição caracterizadamente romanica do edificio, é uma verdadeira maravilha, um dos mais bellos exemplares de talha gothica existentes na Península. Obra de dois artistas neerlandeses, realizada por iniciativa do bispo D. Jorge de Almeida (15...-1543), esse extraordinario retabulo evidencia bem, no caracter realista da sua estatuaria e no vegetabilismo da sua ornamentação, toda em apertadas ondulações, a sua procedencia septentrional, confirmada alias, documentalmente.

A pequena capella (absidiolo) do lado do Evangelho, consagrada a S. Pedro, ostenta igualmente um retabulo digno de nota. Trabalhado em pedra, é uma

das mais bellas e typicas produções que em Coimbra deixou essa brilhante pleiade de artistas, portadores da delicada arte da Renascença francesa, que á cidade do Mondego attrahiu o espirito faustoso de D. Manuel e cuja in-



COIMBRA
SÉ VELHA — Claustro

fluencia, extensiva a diversos pontos do país, alcançou os primeiros decennios do seculo XVII. Deve-se tambem a D. Jorge de Almeida.

Na capella opposta (a do Sacramento), a esculptura merece ainda a nossa attenção. As imagens de Christo, dos apóstolos e outras, occupam duas series sobrepostas de nichos, em hemicyclo e offerecem grande variedade de attitudes e expressões são figuras de uma vida intensa, de uma intellectualidade palpitante. Mais sobrio, de caracter menos decorativo, de uma *virtuosidade* menos accentuada de technica, do que o de S. Pedro, o retabulo do Sacramento, executado já na segunda metade do seculo XVI, uns quarenta annos depois daquelle, é, antes, uma peça de grande esculptura, em que o artista logrou dar alma á pedra. Fecha essa capella, um elegante *duomo* Renascença, com seu lanternim cylindrico. A ultima restauração fez desaparecer o côro alto, sobre a entrada, que fôra obra do bispo D. Affonso de Castello Branco, e cuja face inferior foi aproveitada para alguns tectos do Museu «Machado de Castro» (installado no antigo paço episcopal), como interessante especime, que é, de *alfarje mu-dejar*, do mesmo modo que o tecto da

capella do paço de Sintra e o da igreja matriz de Caminha.

Ao invés do que succede nalgumas igrejas românicas francesas e hispanhoas, como, por exemplo, as de Moissac, Autun, Compostella, Avila e Soria, em que a estatuaría, embora integrada na architectura e com uma feição convencional, hieratica, se ostenta já, largamente, em baixos-relevos e figuras de pleno vulto, — nos edificios românicos do nosso país, a esculptura limita-se, em geral (1), a uma função decorativa, manifestando-se, com interessante variedade de origens e aspectos, em frisos, archivolts, capiteis e fustes e nas cachorradadas em que se apolam cornijas. São os themes geometricos, os vegetaes, os animaes; são os entrelaços; são as *historias*, isto é, figuras humanas que representam uma acção...

Não obstante a sua importancia, não constitue excepção, a este respeito, a Sé de Coimbra; e, assim, debalde se procuram lá estatuas e baixos-relevos do periodo românico, devendo, todavia, admirar-se os seus variados capiteis, alguns dos quaes foi necessario substituir. Facil é distinguir os novos: denuncia-os a ausencia de relevos.

E' de notar que, nos capiteis dos columnellos da lanterna, se pressente já o caracter naturalistico da ornamentação da epoca ogival.

As paredes são, como as romanas, constituídas por um resistente nucleo de argamassa e brita, revestido, interna e externamente, de silhares de cantaria, com as dimensões do aparelho medio.

Como todas as igrejas propriamente românicas, a Sé Velha é, em todas as suas partes, abrigada por abobadas.

Sobre a nave media, corre um berço (isto é, uma abobada semi cylindrica), reforçada por arcos duplos, apoiados em columnas, que são um dos elementos dos pilares compostos que dividem as naves, arcos aos quaes, exteriormente, correspondem os contrafortes a que já me referi.

O transepto é igualmente protegido por um berço, que a lanterna interrompe.

Cobrem o pavimento inferior das naves lateraes abobadas de arestas, construídas de brita e argamassa; o superior, berços, quasi tão elevados como o da nave central, para cujo equilibrio contribuem.

As tres absides, correspondem abo-

(1) Constituem excepções os porticos de Bravães e Villar de Frades. Numerosas são, porém, ainda hoje, entre nós, as estatuas tumulares medievas.

badas semiconicas, associando-se á da abside media (capella-mór) a um semicylindro.

Os quatro berços — o da nave central, o da capella-mór e os correspondentes aos dois braços do transepto, — de raio igual e com os eixos no mesmo plano, constituem, abrindo-se á mesma altura, os arcos que definem o cruzeiro, sobre o qual se ergue a lanterna, em cuja base quadrangular, circundada, interna e inferiormente, de arcaturas, se abrem janellas de volta perfeita, e cujo corpo superior, estibado em nervos diagonaes, foi substituído, como vimos, por um zimbório seiscentista.

Merecem a attenção do visitante a pia baptismal, interessante espécime da arte denominada *Manuelina*, e varios monumentos funerarios do seculo XIII e XIV, com estatuas jacentes.

Não ha, na velha sé cominbricense, nenhuma dessas rosaceas, que, embora sómente no periodo ogival attingam o mais elevado grau de importancia e desenvolvimento, apparecem já, contudo, do seculo XI em diante, em muitas igrejas românicas. O edificio recebe luz da lanterna, das janellas a que fiz referencia, e de duas series de frestas, abertas em cada uma das faces norte e sul, nos espaços entre os gigantes: — as inferiores, destinadas a illuminar as naves; as superiores, o triforio. Do lado norte, porém, o bello portico Renascença prejudicou duas frestas (alta e baixa); e, do sul, o claustro occultou as frestas inferiores com excepção de duas.

É aqui tem o leitor, em rapido esboço, o que é a famosa Sé Velha de Coimbra.

D. JOSÉ PESSANHA

SANTO TIRSO

VISÃO RAPIDA

A leitura n'um diario da manhã d'uma referencia á visita feita aos hotéis de Santo Tirso pelo illustre Presidente da Commissão de Hotéis da Sociedade de Propaganda de Portugal, avivou em mim o desejo de transplantar para as columnas d'esta Revista, as inolvidaveis impressões colhidas nas inúmeras vezes em que me foi dada a alegria d'ir ali refazer o culto pelas belezas da nossa Terra.

Nunca é difficil exaltar o objecto da nossa admiração, com maior ou menor exuberancia de expressões, se-

cillitada em extremo a tarefa por quantidade inequalavel de recordações, e suprida a falta d'elegante descriptivo, pelas sãs palavras de verdadeiro culto e admiração, que aqui deixo consignadas áquela maravilhosa beleza, pela Natureza engastada, em cambiantes de pasmo, nas margens do Rio Ave.

Como que para melhor nos fazer comprehender o logar de Jestaque que lhe reservava, essa Natureza — noiva amantissima da Terra Portuguesa — obriga-nos, quando de longe, a contemplar em pedestal mais elevado esse



SANTO TIRSO - JARDIM

gundo a intensidade d'essa mesma admiração, quando ha um interesse em vista, embora se seja mediocremente dotado de faculdades para o conseguir. N'este caso estou, mas fa-

torrão mimoso, abrigado da furia dos elementos pelo circulo de verdejantes elevações que o abraçam e adormecem em quietude, e coberto por

esse decantado azul, que todos — nacionais e estrangeiros — conhecem por «bello ceu português».

A entrada na Vila, se nos servirmos do caminho de ferro, — que nos transporta até ás portas —, será para qualquer, o que foi para mim, sempre que para ali m'encaminhava; uma admiração elevada ao mais alto grau; uma exclamação d'espanto sem limite; uma fascinação de beleza que obriga a perpetua homenagem.

Ninguém haverá, quero crêr, que não se tenha extasiado perante os caprichos d'um curso d'água, que, ora manso ora agitado, semelha aqui a superfície d'um cristal, para logo além agitar-se em redomoinhos extravagantes!

Pois, embora cada um de Vós tenha admirado as lindas fantasias de muitos rios ou regatos, nenhum d'estes, asseguro, proporcionará como o *Ave*, semelhante poema de Arte Natural.

E' sob uma elegante ponte metálica que melhor o vêmos correr na sua placidez infatigável de metódico obreiro. Aqui, n'uma graciosíssima curva, as margens estreitando-se na precipitação de melhor o aconchegar, deixam que algumas pedras, ciosas do exterior, lhe rasguem a superfície em espumejantes sobresaltos de queda. E', agora, um vetusto moinho que prende a atenção. Enormes pás da grande roda sollicitam o seu concurso, e ele — o *Ave* magnífico — corre pressuroso a conceder-lh'o, saltitante, brincando, acompanhando o seu trabalho com um cantar sublime — o rumor de água corrente.

Alongar de novo o nosso olhar e de novo telo-hemos, correndo, nada apressado, patenteando, nas quebras graciosas com que nos foge ao longe, a vaidade de mulher que sabe fascinar.

Deixemos aqui a primeira variante do nosso assombro, para seguir mais um pouco e caminhar sob ramaria magnífica — doce! ali colocado, de gentileza, para nos receber festivamente a entrada.

Após umas dezenas de metros de caminho, tanta é a distancia que nos separa do lugar onde vamos encontrar-nos, surge um novo encanto, que só alguém bem conhecedor dos efeitos das rápidas mutações, poderia ali ter colocado, em oferta á curiosidade sempre crescente do visitante.

E' o Parque do Conde de S. Bento. Imaginado por esse mesmo alguém e executado pela arte d'um profissional de valor, ele patenteia-se-nos, nos seus talhões graciosos de desenhos caprichosos, admirável de confecção artística. Tudo ali se encontra, desde o malme-

quer singelo até ás mais raras flores; e entre elas surgem, por vezes, um, mais outro, muitos e lindíssimos exemplares de rosas.

Um pequeno lago que reflete sempre o verde pomposo dos jovens arbustos; um elegante corêto para a musica nas tardes de verão; uma minúscula avenida onde vão pelo ocaso, quando o crepusculo convida ao susurro de confidencias e um perfume sensual de floresta nos acaricia, vindo d'além rio, as gentilíssimas senhoras Tirsenses passear os seus devaneios; tudo ali existe, n'um aproveitamento feliz de pequeninas coisas que formam um conjunto encantador.

Ainda sem sahir d'aqui e mal refeitos d'uma admiração, apparece-nos de novo o magnifico produto d'amor natal do alguém referido. Um teatro «mignon», d'estetica simples no exterior e d'interior confortável, que só difere dos grandes teatros na redução proporcional e cuidada do espaço destinado aos diversos logares. E' seu patrono uma das figuras mais brilhantes na comedia portuguesa, Eduardo Brazão. Até n'esta escolha presidiu o espirito elevado e cultivador da arte!

Empregando uma parte do tempo em passear a parte central da Vila, occorrer-nos-ha, imediatamente, perguntar a razão porque não encontramos em todas as terras visitadas o mesmo asseio, a mesma cuidada limpeza nas ruas, e poucas vezes, sobretudo, a mesma alegria sadia no gosto com que são tratadas as vivendas d'esta Terra! E' que um tão grande esforço pelo engrandecimento do seu patrimonio, uma tão elevada ambição de progredir e tão acrisolada compreensão dos deveres de cada um para um fim comum — o *Progresso da sua Terra* —, ainda não conheci em outro nucleo de habitantes.

Os Tirsenses, as horas que restam para a distração d'espirito, empregam nas em discussão dos bens da sua querida Santo Tirso; e sempre apparece um melhoramento a realizar, um alvitre que logo se trata de pôr em pratica, uma nova modificação progressiva que por todos é acolhida com verdadeiro entusiasmo.

Voltando ao nosso passeio, vamos encontrar uma estatua que, em pagamento de divida de gratidão, os Tirsenses erigiram para perpetuar saudades pelo devotado benfeitor Conde de S. Bento; logo a seguir, o edificio do Club, onde todos os extranhos são acolhidos com a fidalguia vinculada em cada natural. Nas suas salas tem brilhado por vezes o fulgôr das mais brilhantes festas; e com conforto, sobriedade e elegancia tambem aqui presidiu o bom gosto.

Em cada interrupção dos nossos passos poderíamos parar para uma nova admiração, mas continuar a revelar-vos, uma a uma, as inumeras coisas para vêr, seria tirar o sabôr do imprevisto quando um dia lá vos encontrardes.

Teria que falar do admiravel mosteiro de São Bento; curiosidade recomendada, que o Ave reflête continuamente no espelhado das suas aguas. Manifestaria o mais sentido louvôr pela obra realisada no Hospital da Vila; obra toda ternura, que, por tanto carinho, é humanitaria sem igual. Seria forçoso consignar os disvelos do Municipio, que illuminou toda a vila a electricidade, rasgou os alicerces de novas avenidas e empenha todo o seu esforço na construção d'um admiravel edificio para a sua séde, construção que, pronta, será a primeira entre as primeiras da sua categoria.

Saindo do centro da vila em excursão aos arredores, só quero mencionar, entre as curiosidades, o recolhimento quasi florestal da fonte da «Maria Velha» que, diz a lenda, d'ela brota a agua que não deixa olvidar aquelas paragens quem a tenha bebido; a capelinha alvinitente de N.ª S.ª da Assunção edificada pelo culto no monte do mesmo nome, donde se disfruta a delicia de bellissimas paisagens; as ruinas d'uma ponte romana, que, dizem os naturaes, data d'alguns seculos; enfim um numero inexgotavel de coisas ignoradas que nos obrigam a um recordar perpetuo dos seus encantos.

Deixo, propositadamente, para final e para melhor salientar a sua importancia, as Caldas da Saude, estancia termal a 3 kilometros, onde a par das aguas, d'um valor maravilhoso na cura de reumatismo e doencas de pelé, se encontra já um magnifico hotel construido pela Empresa. Pela sua posição, pela fertilidade exuberante do seu solo e pelo religioso socego, tudo isto, conjugado com a excelencia medicinal das suas aguas, nos devia merecer mais atenção, do que aquela que geralmente votamos ás riquezas que nos são oferecidas, em troca do minimo do nosso auxilio perseverante.

Creio bem, sêr chegado o momento de pôr limite à ininterrupta série dos merecidos e verdadeiros louvores, a que me obriguei por consciencia desde a primeira vez que visitei aquela hospitaleira Terra. E, se melhor retribuição não couber nas minhas forças, ao menos, que tenha conseguido despertar em cada um de Vós, Ex.^{mos} Leitores, o interesse pelo conhecimento d'essa abençoada Vila.

A. SANTOS JUNIOR.

O CONGRESSO DA SERRA DA ESTRELA

OS SEUS EFEITOS

REVESTIU a grandeza dos acontecimentos notáveis o congresso realizado na Serra da Estrela pelo Grupo de Propaganda, de que demos notícia no nosso ultimo numero.

Os efeitos praticos não de, certamente, surgir d'essa brilhante manifestação de vitalidade que agitou as populações serranas, com o mesmo entusiasmo que auxiliou sempre a acção do Grupo de Propaganda, na sua espinhosa missão de tornar conhecidas, dos proprios nativos, as incomparáveis belezas escondidas n'essa pitoresca cordilheira, a excelencia das suas condições climatericas e, ainda, o papel preponderante que a Serra da Estrela deve desempenhar na vida turistica do nosso Paiz.

Com a realização d'esse Congresso, está vencida a primeira — e talvez a mais difficil etapa.

Libertos os animos do dominio opressor da nostalgia que, na quasi generalidade, envilece todas as provincias portuguezas, essa grande afirmação de amor ao torrão natal auxiliará poderosa e eficazmente o resurgimento da verdadeira vida, a unica que pôde contribuir para o engrandecimento da nossa Patria.

ella o **TURISMO**.

Sem Turismo não ha paiz algum onde as manifestações de vitalidade se intensifiquem ao ponto de produzirem apreciaveis beneficios. O Turismo, na sua lata acepção, comprehende toda a complexidade da vida d'um povo, transformando as forças dispersas em conjugados élos d'uma forte cadeia.

Necessario, pois, se torna que cada élo ocupe o seu logar e se desenvolva na missão que se impõe, para usufruir dos proveitos proprios e dos que indirectamente o podem tambem beneficiar.

Assim parece ter comprehendido essa bela população serrana, com o movimento que acaba de produzir, e que admiravelmente se tem repercutido, como prova a resolução que foi tomada pela Camara Municipal de Gouveia, em sessão de 30 d'Agosto ultimo, a qual trasladamos para aqui do extracto da acta publicada nos «Ecos da Beira». E' a seguinte:

«Esta Camara desejando concorrer quanto em suas forças caiba para os fins que a Direcção eleita pretenda levar a efeito, desde já e dentro dos li-

mites de suas forças põe a disposição da mesma todos os terrenos que dentro da area d'este municipio forem necessarios para construcções de estradas, parques, hospitaes e outros indispensaveis a todo e qualquer genero de «sport», pondo-se, assim, incondicionalmente em tudo ao lado de todos aqueles que pretendam o bem estar e engrandecimento da Serra da Estrela e nomeadamente da nossa região, fazendo egualmente votos porque todas as

suas congeneres prestem o auxilio que em suas forças caiba, para o mesmo engrandecimento.»

Compete, agora, á Sociedade Propaganda da Serra, nascida sob os melhores auspicios, aproveitar o entusiasmo, as vontades e as dedicações que lhe deram sêr, para levar por deante a tarefa que lhe compete, não simplesmente no engrandecimento das regiões serranas, mas directamente no movimento que se está intensificando para o desenvolvimento do turismo em Portugal, pois é, sem duvida, a essa excelente industria que todas as nossas provincias ficarão devendo os seus maiores beneficios.

PORTUGAL EM CINEMA

DAMOS hoje a nota, das terras e aspectos tomados pelo operador da casa Gaumont, e que em breve vão correr mundo, através dos animatographos.

Por ela verão os leitores, quão importante foi essa reportagem, se bem, que esteja longe do que devia ser, mas atraz d'estas, outras se seguirão e o nosso Paiz irá mostrando a todo o mundo coisas até agora desconhecidas, mas de um consideravel apreço.

CASCAES

- 1—Boca do Inferno
- 2—Panorama tirado de barco
- 3—Panorama do Estoril
- 4—Estoril, tirado da praia
- 5—Uma rua no Estoril
- 6—Cascaes e a Bahia
- 7—Cascaes e os rochedos
- 8—Penhalonga, fonte do castelo
- 9—Duas vistas
- 10—Rochedos

PORTO

- 1—Ponte de Maria Fia
- 2—Vista tirada da ponte de D. Luiz
- 3—Idem do lado oposto
- 4—Mercado da Ribeira
- 5—Ponte de D. Luiz
- 6—Panorama sobre o Douro e a cidade
- 7—Ribeira
- 8—Estudantes no Palacio de Crystal
- 9—Embocadura do Douro
- 10—Panorama do Porto, tirado do Palacio de Crystal
- 11—O lago do Palacio
- 12—Ruas do Porto
- 13—Egreja do Carmo—Torre dos Clerigos
- 14—Bairro de Miragaia
- 15—Descarga de madeira no Douro

VILLA DO CONDE

- 1—Aqueducto
- 2—Ponte e Convento de Santa Clara
- 3—Egreja e Pelourinho
- 4—O convento visto da Egreja
- 5—Moinhos sobre o Ave
- 6—Barca na Retorta
- 7—Mulheres fabricando rendas

- 8—Pescadores em Cachinas
- 9—Ponte sobre o Ave, (Seculo XII)
- 10—Espineira

VIANA DO CASTELO

- 1—Portuzelo
- 2—Castelo de Portuzelo
- 3—Idem
- 4—Panorama de Viana
- 5—Britonia
- 6—Mercado
- 7—Egreja—Pescadores e burricos
- 8—Capela do solar de Montedor
- 9—Hospital de Misericordia e Camara Municipal
- 10—Ponte do Caminho de Ferro
- 11—Garganta e moinhos em Areosa
- 12—Moinho
- 13—Burrico
- 14—Entrada da garganta
- 15—Capela
- 16—Ponte e convento de Cabanas
- 17—Artificios, de noite
- 18—Rio Ancora—Moinho e lavadeiras
- 19—Queda d'agua
- 20—Idem (lado oposto)
- 21—Ponte de Soutelo em Amora
- 22—Açude
- 23—Penedos
- 24—A praia

BRAGA E ARREDORES

- 1—Braga durante as festas de S. João
- 2—Dança do Rei David
- 3—Carro de campo
- 4—Castelo de Lanhoso
- 5—Braga, vista do Bom Jesus
- 6—Lago do Bom Jesus (3 aspectos)
- 7—As 3 capelas
- 8—Egreja do Bom Jesus
- 9—A gruta
- 10—Senhora do Sameiro
- 11—Acampamento de festeiros
- 12—Avenida central em Braga
- 13—Panorama de Braga
- 14—A Sé
- 15—Estrada de Bico
- 16—Vista sobre o Cavado
- 17—Um castelo
- 18—Vinhas enlaçadas nas arvores
- 19—Vinhas do castelo de Godomil
- 20—Vinhas e Castelo
- 21—Vista sobre o Cavado
- 22—Mercado de Penedo
- 23—Aldeia de Ruivães
- 24—Ponte sobre o Babino

- 25—Gerez—O parque
- 26—Avenida central Gerez
- 27—Vista geral do Gerez

GUIMARÃES E ARREDORES

- 1—Camara Municipal
 - 2—Panorama de Guimarães
 - 3—Muralhas da cidade e capela da senhora da Guia
 - 4—Egreja da Paixão
 - 5—Mosteiro de S. Jeronimo
 - 6—Castelo de Guimarães (2 vistas)
 - 7—Praça de D. Afonso Henriques
 - 8—Ponte na Aldeia de S. Lourenço de Selho
 - 9—Fabrica de cortumes (3 vistas)
 - 10—Aldeia de Corredoura
 - 11—Aldeia de Coura
 - 12—Dobagem de linho
 - 13—Castelo de Guimarães
- Diversas vistas da festa de S. Torquato

VIZELA E SANTO THIRSO

- 1—Ribeira
- 2—Ponte romana
- 3—Lavadeiras
- 4—Queda de Agua
- 5—Moinho
- 6—Idem
- 7—Açude
- 8—Vista tirada da ponte de Caniços
- 9—Aspectos do Rio
- 10—2 vistas tiradas da ponte
- 11—Noria
- 12—Santo Thyrsó e ponte
- 13—Chegada do comboio a Santo Thyrsó
- 14—Lavoura
- 15—Arvores
- 16—Mosteiro de Santo Thyrsó
- 17—Claustro do mosteiro
- 18—Ponte romana de Caniços.

ENTRE-OS-RIOS

- 1—O Douro e a ponte
- 2—Um barco no Douro
- 3—Estabelecimento Thermal
- 4—Jardim
- 5—A Torre

VILLA NOVA DE GAYA

Diversos aspectos de armazens de vinhos, preparação, engarrafamento, rotulagem, caves etc.

VILLA REAL

- 1—Fonte
- 2—Panorama da villa
- 3—Castelo
- 4—Egreja dos Clerigos
- 5—Moinho no Corgo e cascata
- 6—Vista sobre o rio e Central electrica

PEDRAS SALGADAS

- 1—Uma nascente
- Diversos aspectos do parque

VIDAGO

- 1—Nascente
- 2—Estabelecimento thermal
- 3—Barco no lago
- 4—Escadaria do Palacio Hotel

CHAVES

- 1—Ponte Romana
- 2—O castelo
- 3—Panorama da vila
- 4—Nascentes de agua quente

REGUA

- 1—O Douro
- 2—A Regoa e o Douro
- 3—Vinhas no Moledo

- 4—O Douro na Folgosa
- 5—O Douro em Bagauste
- 6—Vinhas do Corgo

LAMEGO

- 1—Santuário dos Remedios
- 2—Portico dos Reis
- 3—Panorama de Lamego
- 4—Camponezes

S. PEDRO DO SUL

- 1—Panorama da vila
- 2—Bairro da Ponte
- 3—Thermas de S. Pedro do Sul
- 4—Ponte do Pego
- 5—Ponte sobre o Vouga, nas Thermas.

AVEIRO

- 1—Pescadores de sardinhas na Costa Nova
- 2—Salinas em Aveiro
- 3—Panorama de Aveiro
- 4—Uma rua
- 5—Ponte no rio
- 6—Lagoa
- 7—Barco de ovarinos

COIMBRA E ARREDORES

- 1—Carros de lavadeiras
- 2—Bibliotheca da Universidade
- 3—Via Latina
- 4—Portico da entrada da capela
- 5—Museu Machado de Castro
- 6—Sé Nova
- 7—Sé Velha
- 8—Outro aspecto
- 9—Egreja de Santa Cruz
- 10—Cascata do Parque de Santa Cruz
- 11—Arcos do Jardim Botânico
- 12—Convento das Ursulinas e palacio Episcopal
- 13—Panorama de Coimbra
- 14—Ponte de madeira sobre o Mondego
- 15—Lavadeiras
- 16—Garganta do Mondego a Penacova
- 17—Mondego
- 18—Um aspecto de Penacova
- 19—Mulheres fabricando palitos
- 20—Panorama de Penacova
- 21—Casa à beira do rio
- 22—Ponte e lavadeiras
- 23—Egreja antiga
- 24—Universidade
- 25—Panorama de Louza
- 26—Capela da Senhora da Piedade.
- 27—Foz de Arouce
- 28—Santa Fructosa, sobre o Ceira
- 29—Jardim botânico em Coimbra
- 30—O Aqueducto
- 31—Rua dos Banbus
- 32—Arco de Almedina

FIGUEIRA DA FOZ

- 1—Panorama da cidade e porto
- 2—A Figueira vista de Buarcos
- 3—Vistas diversas da praia
- 4—Forte de Santa Catharina
- 5—Jardim Publico

EVORA

- 1—Jardim de Diana e estatua Barahona
- 2—Arco de D. Izabel
- 3—Praça do Geraldo
- 4—Egreja de S. Braz
- 5—A Sé
- 6—Panorama de Évora
- 7—Aqueducto do Sertorio
- 8—Templo de Diana
- 9—Muralhas de Evora
- 10—Trabalhos ruraes
- 11—Porta dos Mouros

ESTREMOZ

- 1—Panorama
- 2—O Castelo
- 3—Aspecto geral da vila

PORTIMÃO E ARREDORES

- 1—Castelo de Ferragudo
- 2—Aldeia do Carvoeiro
- 3—Rochedos da Praia da Rocha
- 4—Vista tirada do rio
- 5—Castelo de Silves
- 6—Panorama de Silves
- 7—Desembarque de sardinhas
- 8—Mexilhoeira da Carregaçao
- 9—Ponte da Piedade
- 10—Praia da Rocha
- 11—Rochedos
- 12—Camponezes transportando agua
- 13—Dança local

LAGOS E ARREDORES

- 1—Fonte
- 2—Camponezes
- 3—Rochedos
- 4—Porto e barcos
- 5—Rochedos perto do porto
- 6—Panorama de Lagos
- 7—Praia da Luz

FARO E ARREDORES

- 1—Castelo de Estoy
- 2—Idem
- 3—Milreu, ruínas romanas
- 4—O porto de Olhae
- 5—Panorama sobre o campo
- 6—Panorama de Faro
- 7—O porto de Faro

ALCOBAÇA

- 1—Fachada do convento
- 2—A vila e o mosteiro
- 3—O claustro
- 4—Tumulos de Ignez de Castro e D. Pedro 1.º
- 5—Legenda
- 6—Capela de S. Jorge

BATALHA

- 1—Camponezes
- 2—Capelas Imperfeitas
- 3—Portal de Leste
- 4—Interior das capelas Imperfeitas
- 5—Claustro de Afonso V
- 6—Grande Claustro
- 7—Fonte e arcada do claustro
- 8—Interior do claustro
- 9—Parte superior do claustro
- 10—Fachada do mosteiro

THOMAR

- 1—Panorama da cidade
- 2—Castelo e convento
- 3—Entrada da egreja
- 4—Portico
- 5—Janela da casa do capitulo
- 6—Claustro
- 7—Claustro do cemiterio
- 8—Thomar, visto do castelo

Monumento a Emydio Navarro

No proximo domingo 7 do corrente, deve realizar-se a inauguração do monumento que uma comissão de admiradores do falecido estadista Emydio Navarro mandou erigir no Luzo, como preito de homenagem pelos assignalados serviços que esse illustre homem publico prestou aquella região.

Anunciam-se gratuitamente n'esta Revista todas as obras literarias que digam respeito ao engrandecimento do Pais.